

REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA



SUMMARIO. — Considerações sobre a classificação das sciencias. — O Romeiro e a Gloria. — Poesias: Hamleto. — A Grecia. — Recordações. — Mea culpa. — Chronica. — Expediente.



Considerações sobre a classificação das sciencias

Apenas começamos o estudo das sciencias, começamos tambem a ter a noção das diversas classificações que têm sido propostas sobre a sua hierarchia. A noticia d'esses diversos modos encyclopedicos nos é fornecida ou pelos compendios de estudo, ou pelos professores, que, para darem uma primeira indicação do objecto de seu ensino, dos limites entre os quaes devem estar comprehendidas as suas indagações, dos elementos que devem ser considerados como instrumentos de trabalho, precisam definir sua posição na escala encyclopedica. Ora é isso, exactamente, o que fazem quando procedem á classificação das sciencias.

Indicando-nos, n'esse trabalho preparatorio, as bases, a extensão, o fim e utilidade da sciencia a cujo estudo nos propomos, indicam-nos, tambem, quaes as que nos podem servir de auxiliar e quaes aquellas cujo estudo será feito posteriormente. Para o estudante, em geral, porém, a uti-

lidade resultante de taes noticias é muito secundaria. Realmente: o caracter vago que então apresentam, e, além disso, o seu numero contribuem sobremodo para essa improficuidade. E' assim que se um autor ou professor nos aponta como boa uma classificação qualquer, outras nos são logo apresentadas e todas sobre taes fundamentos que o estudante, embora o mais bem intencionado, não pôde, geralmente, debruçar-se sobre os conhecimentos, preferir esta ou aquella, porque não pôde comparal-as, fazendo sobresahir o que ha de logico e o que ha de vi- cioso em cada uma. Resulta dahi uma certa indecisão que não lhe permite identificar-se com uma só, o que é im- possível com mais de uma. Adquire, apenas, um orna- mento de memoria, porém de nenhum modo a consciencia de sua posição e dos meios correspondentes de investigação. E tanto é assim que a simples observação nos mostra, or- dinariamente, entre os estudantes, além do indifferen- tismo com que recebem a noticia das classificações, um certo embaraço, bem cabido, quando, nas provas a que são submettidos, tem necessidade de invocal-as. Entretanto, se a utilidade proveniente d'essas noções, que bem se po- deria chamar temporã, é tão mediocre, nem por isso deixam ellas de ter sua influencia estimulante sobre o espirito. E' devido, sem duvida, a uma tal influencia que somos incitados ás presentes considerações,

— Contemplando a natureza, pareceu-nos encontrar ahi um criterio, segundo o qual se poderia tentar uma classificação de sciencias. Ensaaiamo-nos mentalmente na construcção de uma semelhante escala, e notamos de- pois que, sem termos presente ao espirito a classificação estabelecida pelo immortal Augusto Comte, tínhamos che- gado a um resultado quasi identico. Ora, d'entre as classi- ficações, cuja noticia temos recebido, collocamos sempre em primeiro lugar, como parecendo-nos mais logica e mais vantajosa, a de Comte; quando, pois, encontrámos, em nosso tentamen, pontos de contacto com o trabalho do grande philosopho, suspeitámos haver no criterio que nos guiara, alguma coisa de racional. Reflectindo, porém, sen- timos a especie de enfado de que se é, geralmente, presa, quando se acorda d'uma doce illusão: havíamos reconhe- cido que o nosso criterio era, no fundo, se não rigorosa- mente o de Comte, quasi identico. Da não identi- dade de criterios provem a não identidade das escalas construidas. Todavia, longe de continuarmos peza- roso, operou-se logo a reacção, e sentimos o con- tentamento que se derrama em nosso intimo, no intimo do homem, quando se adquire uma convicção:

identificavamo-nos com a classificação de Comte. Agora pois aceitamos a convenção porque só agora, que a podemos construir raciocinando a nosso modo, compreendemos a sua significação. O trabalho que apresentamos, portanto, a consideração publica será uma debil affirmativa, mas o que nos é possível fazer, será uma fraca e insignificante justificação a classificação de Comte já entretanto tão sobrejamente justificada. Apresentando-a modificada como a podemos obter, apreciaremos depois os motivos porque Comte não a quiz assim.

Para estabelecermos o nosso criterio, consideremos o homem procurando a satisfação de suas necessidades: precisa actuar sobre a natureza, precisa sujeital-a d'algum modo aos seus designios. Se não dizemos com Bichat, que a natureza morta está em antagonismo absoluto e constante com a natureza viva, que aquella tende sempre a destruir a esta, diremos, todavia, que a natureza morta é d'algum modo indifferente á natureza viva, que a natureza inteira é d'algum modo indifferente ao homem. [*] Tornal-a apta a satisfação de nossas necessidades, eis o fim do nosso esforço.

Como porém conseguil-o? Dominando-a d'algum modo, apoderando-nos de seus segredos, conhecendo seu modo de acção: esses segredos são as leis, esse modo d'acção é segundo as leis. No conhecimento e coordenação d'essas leis consistem as sciencias. As leis são os pontos fracos da natureza, são seus pontos vulneraveis; conhecer aquellas é vencer a esta, é subjugal-a, é apropiarl-a aos nossos designios.

Pois bem, o homem interroga a natureza com um fim determinado — o conhecimento das leis. Apresenta-se-lhe logo, aos olhos do corpo como aos olhos do espirito, a materia constituindo os corpos. Deixando de parte a materia, cuja essencia constitue o problema eterno de todas as metaphysicas, encontra os seus diferentes modos de ser, isto é, os corpos dotados de propriedades diversas, a que denominaremos grandezas. São essas grandezas o que convem e é possível estudar-se, não em si geralmente, mas em seus effectos. Para que um tal estudo seja methodico, proficuo e racional, é preciso estudar-se em primeiro lugar, e sem desviar o espirito com applicações dos conhecimentos obtidos, as grandezas verdadeiramente

[*] Desde que o homem vive é porque o meio presta-se a vida, mas entre o receber inconscientemente a influencia desse meio, e o receber a conscientemente com o poder de modificarl-a quando circumstancias o exigirem, ha um grande passo: é o conhecimento da sciencia.

distintas umas das outras, tendo em vista a complicação crescente nos phenomenos correspondentes. Deve-se pois começar pelas mais geraes, as que se apresentam em um maior numero de corpos, e que são também aquellas relativamente ás quaes o estudo dos phenomenos a considerar é o mais simples, até as mais particulares, as que se apresentam em menor numero de corpos e cujo estudo é também o mais complicado.

Na exploração portanto da natureza, deve-se ter em vista o modo distincto das grandezas a estudar, donde a novidade das leis a descobrir; a complicaçãõ crescente dos phenomenos a considerar, donde a ordem da generalidade decrescente nas grandezas correspondentes. Considerando que essa exploração deve ter em vista um fim utilitário—as applicações posteriores para a satisfação das necessidades—podemos pois encerrar o nosso criterio para a construcção da escala hierarchica, em uma formula synthetica—*novidade, utilidade e simplicidade*: novidade das leis a descobrir, utilidade dos conhecimentos theoreticos para uma applicação posterior, e simplicidade decrescente nos phenomenos a considerar. A differença entre nosso criterio e o que foi estabelecido por Comte, é que este eminente philosopho, considerando sobre tudo a simplicidade decrescente dos phenomenos, e segundo motivos poderosos que analysaremos mais tarde, não deu grande importancia a novidade das leis a descobrir, o que consideramos sobretudo.

Para proceder á construcção de nossa escala, de acôrdo com o criterio estabelecido, devemos começar pela discriminação e classificação das grandezas. Se os corpos em si mesmos não são grandezas elles manifestam-nos, porém, a sua existencia, ou porque sejam dotados de umas, ou porque estejam submettidos á acção de outras. E' assim que todos os corpos são dotados de extensão: é também a grandeza unica que sabemos positivamente ser-lhes inherente; é mesmo impossível concebê-los sem extensão. Quanto á gravidade, (1) já não é do mesmo modo: se supmo-la, sem inconveniente algum, sem alterar de nenhum modo seus effeitos, sem indagar de sua essencia, uma propriedade inherente aos corpos, inherente á materia, positivamente não o sabemos. As theorias modernas,

(1) Supponho, em nosso raciocinio, as observações restrictas unicamente á natureza de nosso planeta em si mesmo; deixando de parte os seus movimentos: por isso empregamos a palavra gravidade, sem considerá-la como caso particular da gravitação universal.

que baseam-se na hypothese do ether, a consideram, não como uma propriedade da materia, porém como consequencia de seus movimentos na massa etherea. Acontece o mesmo com essas forças intimas—grandezas a que os homens da sciencia chamam cohesão e afinidade: a sciencia ignora se são propriedades da materia, ou se, como explica a hypothese do ether, casos particulares da gravidade. E' o mesmo facto que se reproduz ainda relativamente á luz, ao calor e á electricidade: sabe realmente a sciencia se ha corpos por si mesmo luminosos, se ha uma temperatura propria para cada corpo, se a electricidade é inherente a materia, ou se essas grandezas são manifestações diversas dos movimentos ethereos? A sciencia, a positividade, não sabe. Quanto ao som é questão decidida: não é propriedade da materia, provem do movimento impresso a esta. O que sabemos, pois, positivamente, é que pela existencia dos corpos se manifesta a existencia das grandezas. Estudar as leis effectivas dos phenomenos que lhes correspondem, é estudar as sciencias. Observando, pois a natureza, para proceder á descripção das grandezas, reconhecemos que destas manifestam-se distinctamente as seguintes: extensão, gravidade, calor, luz, electricidade, som, cohesão, afinidade, irritabilidade, sensibilidade e pensamento.

Quaquer que seja a essencia d'estas grandezas, quasquer que sejam as explicações com o fim de unificalas, o certo é que ellas existem de modo distincto umas em relação ás outras, e dão lugar a ordens diversas de phenomenos. Pois bem, adstringamo-nos a essa distincção que é real e a essa diversidade que é patente.

Procedessemos agora á sua classificação na ordem de complicação e dependencia crescentes dos phenomenos a estudar, reconheceriamos deverem ser collocadas na ordem em que as escrevemos acima. Devido porém á falta de espaço, pois que bem minguaado é o que nos cabe n'esta revista, e porque precisamos, n'este artigo, dar uma ideia do nosso modo de pensar, não o fazemos. Admittiremos agora como estabelecida essa classificação, guardando-nos para justificar-a em artigo que seguirá-se-ha a este. Considerando, portanto, como justificada essa ordem de collocação, equivale a collocarmos em primeiro lugar, na escala das sciencias, a Geometria, por isso que seu estudo não é mais que a exploração dos phenomenos correspondentes á extensão, para a descoberta e coordenação das leis que os regem. As indagações que tenham por fim a descoberta e systematisação das leis dos phenomenos relativos á gravidade, constituem o estudo da Mecânica. Aqui precisamos expli-

car-nos: a gravidade é uma força que actua sobre os corpos, e determina os phenomenos do movimento e do equilibrio. Descobrir as leis do movimento e equilibrio é um caso particular d'este » é descobrir a Mecanica; determinar as formulas de todas as combinações possíveis d'estas leis, para a resolução de todos os problemas relativos ao movimento, eis o fim da Mecanica racional.

Aqui tornam-se patentes os dois pontos de vista sob os quaes deve ser considerado o estudo de cada sciencia fundamental: um — a descoberta das leis que regem os phenomenos relativos á grandeza correspondente: é a fundação da sciencia, é o estabelecimento de suas bases; outro — a obtenção de todas as combinações, theoreticamente possíveis, d'estas leis, para a determinação das formulas que devem resolver os problemas relativos á ordem de phenomenos correspondentes: é o fim da sciencia, é o seu objecto. Deixando de parte as considerações que cabiam aqui sobre a possibilidade de cada sciencia attingir o fim a que se propõe, vê-se, do que temos dito, que se procuramos, pela exploração dos phenomenos naturaes, relativos a cada grandeza, descobrir as leis que os regem, procuramos depois, theoreticamente, sem considerar os phenomenos reaes, e menos ainda as grandezas correspondentes, descobrir formulas que comprehendam todos os casos effectivos da natureza. É uma consideração que se deve ter presente em relação a cada sciencia fundamental, e que, parece-nos, ainda não foi, geralmente, sentida em relação a todas. Ordinariamente, porém, como o estabelecimento de tais formulas é d'uma difficuldade capital, e não haveria grande utilidade (nem estabelecerias para casos hypotheticos, casos que não se dessem naturalmente, o que tornal-as-tis inapplicaveis, cingem-se os homens da sciencia, o mais da vez, ao estabelecimento d'aquellas que se adaptam aos problemas cuja necessidade de resolução já foi manifestada pela observação dos phenomenos naturaes.

Deste modo de proceder, é um exemplo frisante a criação da Cinematica em Mecanica racional; ali, o espirito humano de posse das trez leis que são a base da sciencia, e depois de ter observado os phenomenos effectivos do movimento, procura, pela combinação das leis, obter as formulas que os comprehendam. Houvesse uma quarta, uma quinta etc. leis, essas seriam consideradas em Cine-

(1) Essas formulas não se prestariam ás applicações immediatas, mas seriam vantajosas como instrumentos analyticos.

matica, onde se procura obter formulas theoreticas que comprehendam os casos reaes.

Todavia, essas formulas não são definitivas; reconsideradas em dynamics prestam-se á resolução dos problemas theoreticos que tem seus equivalentes naturaes.

Este exemplo é, a nosso ver, o mais proprio para nos dar uma ideia do espirito com que devem ser consideradas as sciencias. Não é pois só na Mechanica que é mister deixar de lado a consideração dos agentes determinantes dos phenomenos; deve-se proceder assim em cada uma sciencia fundamental. Em Mecanica um tal modo de proceder é hoje perfeitamente assente.

Parecerá talvez, porque podem ser muitas as causas do movimento, que não devêramos considerar a Mecanica como a sciencia correspondente á gravidade. Ora, para que tenhamos procedido logicamente, basta que esta grandeza seja a causa primordial do movimento: é o que com effeito se reconhece quando, deixando de parte os movimentos molleculares, cuja essencia as causas a sciencia não tem que indagar, consideramos o movimento das massas. Então notase, ordinariamente, a influencia, quer directa, quer indirecta, da gravidade. E' certo que concebemos a possibilidade da lei de Kepler, sem a existencia da gravidade, de modo até de estar sujeita a modificação constante que esta força lhe inflige; concebemos tambem a possibilidade da lei de Galileu, não estaria então restricto aos únicos movimentos de translação, conviria tambem, parece-nos, aos movimentos de rotação; desde que fosse adoptado um enunciação conveniente, como talvez o possam provar, mesmo nas circumstancias normaes, experiencias bem feitas; quanto á lei de Newton, deixar de concebê-la, em um tal caso, seria não admittir a existencia dos corpos. Se estas leis, pois, subsistiriam, independentemente da gravidade, desde que houvesse movimento, o facto é que existe a Mecanica porque existe um systema de mundos em movimento cujo motor é a gravitação — gravidade universal. —

Seguem-se, em nossa escala de grandezas: calor, luz, electricidade, som e cohesão. Descobrir e coordenar as leis dos phenomenos que lhes são relativos, é explorar a Physica. Compreende-se que cada uma destas grandezas pôde dar lugar a uma sciencia: é o que acontecerá talvez com o correr dos tempos. Como porém a natureza dos phenomenos correspondentes offerece, mais ou menos, o mesmo gráo de generalidade, são ellas estudadas como partes d'uma mesma sciencia, a pesar de não apresentarem o caracter proprio ás divisões, o qual consiste nas

alterações fundamentaes dos phenomenos relativos a uma mesma grandeza.

Quanto á cohesão, cujo lugar em nossa escala pôde causar estranheza, cumpre dizer, com quanto o pretendamos, como já dissemos, justificar em artigo subsequente, que, conforme o nosso criterio, tendo em vista tambem a utilidade da sciencia correspondente a cada grandeza, não podia esta occupar outro lugar. E' necessariamente mesmo a razão porque não se tem explorado o seu estudo directo. Talvez se a tenha desprezado demais: a arte das construcções teria a lucrar com esse estudo, para o que se encontraria na acustica um poderoso auxiliar. Encontramos depois, em nossa escala a afinidade: é a grandeza que pelos seus efeitos dá lugar aos phenomenos, cujo estudo constitue a Chimica. Após collocamos a vida: d'ahi a Biologia. Proseguindo em nossa escala, encontramos a irritabilidade e a sensibilidade: são as duas grandezas caracteristicas da animalidade. Parece que deveriam dar lugar, pelo menos, a uma sciencia distincta, de modo que, pelo estudo da vida vegetativa, considerando-se todos os phenomenos communs aos seres organisados se considerasse depois, pelo estudo d'essa nova sciencia, os phenomenos de locomoção e sensibilidade—phenomenos communs á vida animal. O espirito humano já tem feito alguma cousa semelhante, quando, estudando na Physica, os phenomenos communs a todos os corpos, estuda na Chimica os phenomenos especiaes das combinações. A semelhança porém é mais apparente que real. Para a exploração dos phenomenos physicos não é necessaria a investigação dos phenomenos chimicos. Na sciencia da vida dá-se o contrario: para estudar-se a vida vegetativa ha necessidade do estudo dos phenomenos de irritabilidade e sensibilidade. De facto: para estudarem a Physiologia precisam, os biologistas, proceder ao estudo anatomico dos órgãos, tecidos etc.; ora tendo já reconhecido, nos corpos organisados, um só tecido fundamental—o cellular, e tendo necessidade, para os estudos physiologicos, de estudar as suas diferentes modificações, procedem, por isso mesmo, á indagação para a descoberta das leis relativas aos phenomenos de locomoção e sensação, pois que, como o têm reconhecido, estes phenomenos dependem do systema nervoso—modificação do tecido principal. Quando mesmo quizessemos basear a distincção das duas sciencias na opinião de alguns biologistas que admittem, no reino animal, a existencia dos tres tecidos, o cellular muscular e o nervoso, ella não tinha mais fundamento que no caso precedente. Além de que o estudo dos tecidos

deve ser feito sempre, quer sejam estes primitivos ou modificações de um unico, é observado também que nem em todos os animaes se encontra esses tecidos : os anatomistas não têm, até hoje, descoberto nos animaes amorphos mais que o tecido cellular. Continuando na escala das grandezas, encontramos o pensamento, que deve dar lugar á Phrenologia esboçada por Gall, apoiada por Comte, e cujo estudo ainda está embryonario.

Pelo raciocinio feito, concluímos que o estudo das sciencias é o estudo dos phenomenos relativos ás grandezas. Ora, conhecer as grandezas pelos seus effeitos, pela previsão e intensidade de seus phenomenos, é medil-as. Também o objecto das sciencias é a medida das grandezas, afirma-nos o grande Comte, dizl-o o nosso raciocinio. Para que o estudo seja verdadeiramente vantajoso, ou melhor, seja possível, deve-se, antes de proceder-se ao estudo de cada especie de grandeza, proceder a um trabalho preparatorio—o estudo dos processos para a medição de grandezas quaesquer: é o estabelecimento das relações, o estabelecimento das formulas por meio das quaes se possa conhecer as grandezas desconhecidas em função de outras conhecidas, que tenham, em sua variabilidade, uma certa lei de dependencia com as primeiras. Devemos, em summa, proceder ao estudo da Analyse, ao estudo pois da mathematica abstracta. Será por tanto a primeira sciencia a estudar-se. Quanto á ultima, aquella que foi pela primeira vez apreciada e esboçada por Comte, ainda não considerámos. Aqui a difficuldade sobe de ponto, já não podemos assignalar directamente a esta sciencia uma grandeza correspondente. Encontramos um typo, a que devem ser referidos os phenomenos—a moral; não é porém causa efficiente. A grandeza geradora aqui ainda é a mesma considerada na Phrenologia. A differença capital é esta : a Phrenologia considera os phenomenos individuaes, a Sociologia considera o conflicto desses phenomenos, considera-os chocando-se perenemente, e gerando outros de ordem mais complicada, cujas relações é preciso conhecer, cujas leis é preciso descobrir.

Fica pois, segundo o que estabelecemos, assim, construida a nossa escala hierarchica das sciencias fundamentais : Analyse, Geometria, Mecanica, Physica, Chimica, Biologia, Phrenologia e Sociologia.

A primeira constitue a mathematica abstracta ; as outras, o que chamamos mathematica concreta.

Nota-se logo, em nossa escala, a falta da Astronomia, que deixámos de considerar e que Comte colloca, em sua

classificação, a primeira das sciencias naturaes. Não consideramos tambem a parte da Physica a que este sabio deu o nome de Barologia. Segundo o nosso criterio que se adstringe sobretudo á novidade das leis a descobrir, não podiamos, construindo uma escala de sciencias fundamentais, por maiores que sejam a importancia e utilidade das Astronomia e Barologia, considerar estas sciencias, onde não se vai descobrir novas leis porem applicar os conhecimentos já adquiridos pelo estudo das sciencias anteriores como a geometria e a Mecanica.

Comte, porem, inspirado nos principios fecundos de sua Philosophia, teve, sobretudo, em vista o methodo: dahi as razões poderosas que o levaram a proceder desse modo.

Tratando de resumir, e não sendo possível continuarmos este artigo, propomo-nos, em numero seguinte desta revista, a comparar o esboço de classificação que deixamos, com a classificação de Comte, justificando então, como podermos, a alta racionalidade do trabalho d'este philosopho. Completaremos tambem o nosso ensaio, que ficará constituido com os trez grupos seguintes: mathematica abstracta, mathematica concreta e sciencias descriptivas; sendo a Astronomia e Barologia as duas primeiras d'este ultimo. Procuraremos justificar tambem a denominação geral de mathematica concreta que demos ao conjunto das sciencias naturaes abstractas.

Rio de Janeiro, de 13 de Abril de 1879.

LICINIO CARDOSO.

(Continúa)

O Romeiro e a Gloria

« VARIEDADE »

Triste e pensativo, em um dos marcos de seu caminho, parou o viajor, que, ainda na manhã da vida, vê passar mais uma estação.

Vendo o pouco que tinha avançado, e pertinaz no empenho de vencer a jornada, levanta comtudo a tenda de descanso, despe-se do gibão que traz aos hombros, deita-o ao sol para que enxugue o suor, e, sentado, lança um olhar contemplativo sobre o passado, avalia o presente e sonha o futuro.

Tres estádios divisão seos olhos, entre as sebes e ao longo da espinhosa estrada porque trilha : quem, afogado em denso nevoeiro, onde scintillão fátuos reflexos de um sol que se despente, lubrifica o primeiro, e n'elle—a fria e macilenta effigie do passado; aqui, sob alamos frondosos, dos quaes ainda não lhe é dado gosar a hospitaleira sombra que o cingida, vê o segundo, e n'elle—a viva imagem do presente; finalmente, além, entre nevoas atravessadas por suaves alcores de uma ridente aurora que despenha, immerso em matutinos raios que deslumbrão, ante vê o terceiro, e n'elle—o attraheite e translucido semblante do futuro.

Lhe assomão aos labios successivamente— um suspiro, um bocejo e um sorriso : envolta n'este, vò a esperança ; mergulhado n'aquelle, se afoga o tédio; e adejando n'aquelle outro, ala-se a saudade.

O tranzeante, que, indifferente ao que o cerca, segue seo caminho, depara com surpresa, a alguma distancia de si, com um vulto que lhe causa impressão:

Vê sentado á beira da estrada, com a fronte pendida á mão, uma pessoa de quem a neblina não lhe deixa distinguir os traços. Julga-o algum octogenario, illudido pela cor de seos louros cabellos. Approxima-se. Um sentido suspiro lhe desperta a alma, um indolente bocejo lhe fere os ouvidos. Olha attentamente, e um sorriso meigo e angelico mal entrexê na expressão do desconhecido, que fita além. Encaminha-se para elle, desejoso de lhe arrancar dos labios uma palayra ao menos, e diz comsigo:

« Pobre velho !

« Em que pensará tanto, para tão absorto se entregar a tão longa meditação ? ! Recorda-se, talvez, de um tempo mais feliz, lembra suas façanhas e prodigios quando moço, e quem sabe?... quem poderá sondar os arcanos d'aquelle coração ? Chora, porventura, a sua familia ; mal-diz-se por ter sobrevivido a todos que lhe erão charros ; azeda, quicá, seos ultimos dias, lembrando a filha amada... »

« Mas não !... distingo junto a si uma farda ! E', sem duvida, o guerreiro que arrimado á sua espada chora-a, como o naufrago, sobre os destroços do esquife que afouto arrosta as ondas, prantêa o leme, o mastro grande e as velas—roubados pelos ventos ao barco d'este, como a força pelos annos ao punho d'aquelle.

« Chora ! o que ? —A ingratitude da patria, pensando, porventura, em eleva-la. E não tem este misero homem uma pousada que o guarde das intemperies ?

« Ingratitude !... Miseria !

«Pobre atalaia—que em arenosas praias o ingrato esquece, e deixa ao abandono, exposta aos raios que, cortando-a a meio, a lançam em estranhos mares,—este misero velho espera talvez, que o simoun da desgraça, depois de o ter afogado no oceano do esquecimento, atire seus restos em estranhos campos. Elle lembra o arruido da guerra, o troar do canhão, o rufar dos tambores, o tinnir das espadas; e seu coração, amago cheio de seiva da arvore exteriormente secca que com o cheiro das tempestades agita-se e tenta deitar rebentos novos, quer, com o cheiro da polvora, levado pelo entusiasmo, sair do ambito de seu peito, e, pairando sobre o inimigo, ouvir mais uma vez o hymno da victoria.

«Ah! Não devo approximar-me; não quero roubar-lhe este sonho feliz e mentido. Que ninguém venha perturbar a quem procura solidão. Elle sonha, agora, suas passadas glórias, e não devo despertar-o deste doce delirio.

«Porem... impossivel! Não posso resistir, Sua historia me deve interessar. Vou despertar-o.

«Mas que! illudi-me!

«A cabeça que eu julguei coberta de cans, neve da chuva dos annos, é loura, tem a côr do ouro, e apenas está regada pelo orvalho da manhã. A atalaia que supuz carcomida pelo tempo, em risco de ser lançada ao mar por ventos rijos, ainda pode um dia ser o pharol que guie afouto palizuro, na direcção da barca maior que a de Noé, contendo em si o fructo de dezemove seculos, a novos montes Atlas, descobrindo d'ahi novas terras, novos mares e novos ceos:»

Depois de assim ter pensado, o tranzeunte approxima-se do desconhecido, que se conserva na mesma attitud, e diz:

«Bello moço, em que pensas? Tão joven ainda, na quadra em que a vida é toda amor, toda luz, precoce vejo em teu semblante o serio, que só impriime a madurez dos annos! O que tanto preoccupa a mente do mancebo ao despontar seus verdes dias, o que tanto te afflige a alma?

«Acaso amante inconstante, mulher traidora, cravou em teu peito o punhal que mata, que rouba a alegria ao teu coração e o sorriso aos teos labios? Lançaria esta fada tyranna por terra as tuas illusões de mancebo, os teos sonhos de poeta?

«Ingrata!.... ingrata!....

«Sorte adversa te arrebataria aos patrios lares, e, proscripto, procuras agora o deserto para proferir a soli-

dão tuas enlechas? Mãe extremosa traria ao coração do filho ausente a saudade de um passado feliz? Viria á imaginação do viajor, que exposto ao tempo tiritado de frio, a lembrança de seu berço quente? Traria o cicizar da briza aos seus ouvidos as sonoras canções com que o seu anjo tutelar lhe acalentava o somno? Ou, no cahir das folhas, sentiria o estalar do beijo materno?... ..

« E não me responde! Parece que azedo suas dores, que avixo seo passado, pois vejo que apoia a fronte nas duas mãos, talvez cansado de a soster em uma só. Falla-me, por Deos. Dize-me o que tens e em que pensas. »

Essas palavras, pronunciadas com força, tirão o ro-meiro da lethargia em que jazia. Elle ergue a fronte pensativa, e, tendo no semblante a expressão feliz de quem repentinamente acorda ainda ebrio dos sonhos de ventura, diz ao transeunte :

« Oh tu, que trilhas o mesmo caminho que eu, já que te aprouve roubar a attenção de quem, no dia de hoje, só tem no coração — saudades, e na mente — o ideal da mulher que vou pintar-te, dize-me :

« N'estes caminhos desertos e hirtos de espinhos por que trilhas, nunca encontraste, durante a tua peregrinação, uma mulher bella como a estrella d'alva, louça como uma nympha e vaporosa como um sonho? A fada que traz envolto em suas vestes o dragão que domina os dous elementos — agua e terra — de nosso planeta? O anjo que, com suas azas ageis, vôa d'um a outro hemispherio, trazendo presa aos seus cabellos a fita electrica que transmitta nossos pensamentos com a rapidez do mesmo pensamento? A mulher, que foi adorada pelo homem de hontem, fascina o de hoje e deslumbrará o de amanhã? A mulher, que não cõra de ser amada por todos, — que foi a Beatriz de Dante quando escrevia a Divina Comedia, a Leonor de Tasso ainda mesmo no carcere, a Catharina de Camões no seo Lusitadas, a Josephina de Napoleão nos seus combates? A viuva lacrimosa dos avoengos, esposa grata dos de hoje e noiva esperançosa dos vindouros? Essa mulher que ainda não chegou á sua quadra mais florescente, de quem os annos sãõ os nossos seculos, e cresce com elles a sua belleza? Tem ella dezenoxe primaveras, e se do tumulo se erguessem aquelles que a virão na infancia, se offuscariam com o seo brilho !

« Ainda bem criança, sonhando, vi essa mulher, e fascinado desejei-a para mim. Bem como me vês aqui, deparei um dia com um velho, que, nas seis rugas que lhe ornavaõ a alta e espaçosa fronte, tinha esculpidos seis seculos. Eu beijeii submisso e cheio de respeito as suas mãos,

e me curvei ante suas cans que tanto me inspirarão sym-
pathia. Li no livro de sua alma o meo sonho, e na expres-
são de seus olhos — o nome de Dante. Acordando-me, vi
que acabava de viver em uma época de seis seculos atraz,
pois conversava com o proprio Dante. Elle me disse que
essa mulher de que te fallo habitava um oasis cujo ca-
minho escabroso era juncado de cardos, e que para che-
gar-se a este oasis se tinha de atravessar innumerables saha-
ras, onde sedento morreria o viajor que esmorecesse. Não
é este o caminho de que me fallo? Ainda é muito longe o
oasis que procuro? Dize-me. »

O transeunte, que attento ouvia fallar o romeiro, de-
cifrára o seo sonho, e disse-lhe :

« Levanta, á pressa, a tenda de descanso, e caminha,
viajor! Não desanimas. O caminho de espinhos porque
trilhas — é a vida, e ainda está em seo alvorecer; o oasis
que procuras — será o theatro de teos feitos; e a mulher
que te fascina — é a Gloria.

Rio—1873.

Tito Amaral.

Shakspeare

HAMLET

(FRAGMENTO)

Ser ou não ser, eis a questão !

Deve uma alma repleta de coragem
Supportar da fortuna os duros golpes,
Ou deve armar-se contra infandas dores
E por-lhes termo, combatendo-as todas?
Morrer, dormir e nada mais; acaso
Dizer-se que esse somno é o fim supremo
De todos os soffreres e martyrios
Que a natureza nos legou á carne,
Consiste para nós o ardente voto?
Morrer, dormir, dormir, sonhar, quem sabe?
Eis o ponto difficil; e sabemos
Que sonhos nos virão no somno eterno,
Quando expulsarmos para longe a vida?

Ha nisto em que pensar-se. E torna longa,
Tal pensamento, do infeliz a vida.
Quem os flagellos supportar quizerá,
E os mil ultrages que decreta o mundo,
De um amor despresado as agonias,
As lentezas da lei, a insolencia
D'aquelles que governam, e o despreso
Que inflige o ignorante ao alto merito,
Quando bastára de um punhal a ponta
Para a conquista do repouso eterno?
Quem da vida importuna arrastaria,
Entre gemidos, o pesado fardo,
Se não fora o tempo apóz a morte,
Ignoto paiz do qual não consta
Q'um viajante siquer voltado tenha?
Eis da ventade a turbadora causa,
E o que nos leva das presentes dores
O jugo supportar, de preferencia,
A' outros males que nos são incognitos.
Assim a consciencia, tão sómente,
Transforma todos nós em uns cobardes;
E da resolução, nas vivas cores,
Pallida sombra a reflexão projecta;
Para o desvio da maior empresa,
E té mesmo d'acção tirar-lhe o nome,
Basta nisso pensar-se um só momento.
Mas, silencio, qu'eu vejo a linda Ophélia!
Joven beldade, tem lembrança ao menos
Em tuas orações, de meos peccados.

RODOLPHO PAIXÃO—1879.



A Grecia

Um nome existe que traduz grandezas,
Dos tempos idos na soberba historia!
Um nome egregio que relembra ufano
De heroicos feitos a fulgent gloria,
Es tu oh! Grecia, portentoso solo,
Berço das letras, da sciencia o guia.
Vulto potente, gigantesco, altivo,
Das agoas Joneas, colossal vigia.

Patria de Solon, Xenophonte e Homero !
Quem ponde a palma te rouba ainda ?
Perpassa o tempo, as gerações perpassam,
Mas nada obumbra tua gloria infanda !
A tella, o marmor, a sciencia, as artes,
Ind'hoje attestam teu fulgor d'outr'ora !
Quem com Lysippo, Praxetelles, Socrates,
Me fôra dado comparar n'est'hora ?!

D'Athenas, Thebas, Marathona, Sparta,
Quem pôde ao menos relatar as glorias ?
Quem é que ao vel-as poderá sem pejo,
De Roma astuta, relembrar victorias ?
Sim, Grecia, és grande pois és grande o genio,
E' santo o germen que nos traz a luz !
N'esse lethargo em que dormitas vejo,
O teu passado, borbulhar a flux !

Das liberdades o pendão luzente,
Sempre teos filhos com valor guardaram !
Que o diga o sangue que tingiu teos gladios,
Lá quando os persas a teos pés tombaram !
Que o diga Xerxes que tremeo de susto
Ao ver Leonidas lhe apontar a morte
Mantendo as iras da soberba Sparta
Nos peitos bravos da feroz cohorte !

Digam-n'ô ainda da soberba Troya,
Essas ruínas que Virgilio aponta,
Essa legenda de briosas luctas,
Que a velha historia com prazer nos conta !
Oh ! quebra os élos que teos pulsos prendem ;
Revive a ideia qu'inda não morreo !
Ergue essa fronte de lauréis coberta
E dize aos mundos : — o futuro é meo !

Côrte, Dezembro de 78.

T. PORTO CARRERO



Recordações

Ao meu ~~presado~~ amigo Colimério L. F. Pinto.

Mon cœur est plein—Je veux pleure !
(Lamartine.)

Quando o sol no horisonte
Já cansado inclina a fronte
Para a banda occidental;
Eu contemplo a immensidade
E me lembro com saudade
Da minha terra natal !

N'essa hora de harmonia,
De paz e melancolia
Suspira o triste exilado ;
No batel do pensamento
C'as velas soltas ao vento
Eu scismo no meu passado

Recordo castos-amores,
Que murcharam como as flores
Batidas pelo tufão ;
De tanta illusão perdida
Tenho a lembrança esculpida
No fundo do coração !

Recordo as scenas da vida
Na quadra leda e florida,
Que mil delicias contem ;
E no scismar eu diviso,
Da irmã finada o sorriso
Nos labios de minha Mãe !

N'esse enlexo de amisade
Sinto a setta da saudade
Trespassar-me o coração !
E me vejo arrebatado
A's lembranças do passado,
Que jamais se apagarão !

E' grato ainda sentir-se
De quando em quando expandir-se,
Em funda meditação,
Um'alma murcha, pendida,
Na doce aurora da vida,
Por atroz disillusão !

Minh'alma triste padece,
Quando o sol desaparece
Do horizonte visual;
D'esta triste soledade
Mando um pranto de saudade
A' minha terra natal !

ERNESTO MACHADO



Mea Culpa

A' UMA PECCADORA

Um dia(foi tentação)
na igreja fitei-te o rosto
sereno, grave e composto
no fervor da oração.

Estavas de Christo perto,
seu lenho sacro fitavas :
Eu não sei si tu resava,
mas tinhas o livro aberto.

Na face de tez morena
suave melancolia ;
Achei-te naquelle dia
com ares de Magdalena.

No côro—gentis devotas
de voses suaves, puras,
mandavam para as alturas
do *Credo in Deo* as notas

.....
.....
.....
.....

Foi, bem sei, profanação
contemprar teu lindo rosto
sereno, grave e composto
no fervor da oração.

Porem, anjo, me desculpa
me perdoa esse delicto :
A' teus pés choro contricto
mea culpa ! mea culpa.

Corte, Março de 1879.

M. VALLADÃO

Chronica

Entregue á um barbeiro, que sem dó nem piedade
solapava-nos a cara, recebemos uma brochura de capa
amarella tajiada de preto.

Era o numero 3 da *Revista* ! Impaciente, quizemos
logo folheal-o, porem estavamos n'uma posição tal, que
não o podemos fazer.

Em vista disto... submettemo-nos.

Terminada a barbeação, e com a cara ainda em brazas
começamos a leitura—e começamos justamente por aquillo
que tínhamos escripto—*a Chronica.*

Fizemos como os leitores de romances, que começam
pelo fim para saberem logo o desenlace, ou então como o
jovem namorado que tendo feito algum madrigal á sua
Ella, espera, ansioso, vel-o em letra redonda.

Assim o fizemos; porém antes não o fisessemos!

Teríamos poupado á nossa alma as lancetadas do des-
gosto no momento em que vinhamos de livrar os quei-
xos dos golpes da navalha.

Palavras enxertadas umas nas outras, pontos e vir-
gulas supprimidos—uma perfeita *empastellação*—tal era
o estado a que se achava reduzido o chronico fructo de
nossos pensamentos. Coitado ! Viram-no firmado por duas
iniciaes, julgaram-no filho de paes incognitos e quasi que
o mandam para a *Casa dos Expostos.*

Expostos já andamos nós á incorrer no desagrado das
leitoras, pelas xaropadas politicas que lhes damos.

Não ha muito que uma dessas encantadoras *borboletas*, (1) jogando por tabella atirou-nos a seguinte tacada : « Este F. de M. está suporifero com os seus folhetins, agora não acha mais assumpto para escrever, senão sobre politica. Pois olhe : era um dos folhetinistas do *Jornal de politica*. Pois olhe : era um dos folhetinistas do *Jornal de politica* quem mais eu gostava. »

Entendemos perfeitamente o recado, querida leitora. Entendemos; porém... tende paciencia. « Temos mouros à costa. » Nada menos do que o Sr. Martim Francisco feito Conselheiro d'Estado !

O Sr. Martim Francisco ! O homem que, segundo as mas linguas, trinca um peru recheiado e bate (2) um cesto de *jahoticabas* com a mesma sem cerimonia com que fazia opposição ao ministerio que hoje apoia.

Sabemos que elle vos merece as sympathias. Quer fazer-vos doutoras, quer ser o Washington da vossa independencia. Conspira contra a nossa saude, (3) contra a nossa bolsa e. . contra o nosso coração ! Pois bem. Em represalia, aconselharemos á S. M. o Imperador, que quando tiver de se haver com o novo conselheiro, esconda a sua canja; esconda, porque do contrario ficará na *hypothese* !

De *hypothese* é que não toma nada o Sr. Zama, com o projectado imposto de 20 % sobre o subsidio. S. Exa. entende que os senadores e deputados são os únicos legitimos servidores da nação e que devem ficar soberanos ao povo que os elege. Acha justo que se equilibre o orçamento, que se taxe o alimento dos principes, porém acha inconstitucional lançar-se imposto sobre o subsidio !

Bonita doutrina ! Exemplo edificante ! E' o pensar de S. Exa. « filho das suas idéas, da força de suas convicções, e não de um vil interesse. »

Outros que duvidem. Nós que o conhecemos das *casas velhas*, que o vimos algumas affrontando o *azar da sorte*, acreditamos piamente na elevação de seus sentimentos, até mesmo naquelle rasgo de generosidade que o levou a pôr á disposição do thesouro, na proxima sessão, os 20 % que não quer descontar por uma disposição de lei.

E' que o acto meritorio de S. Exa., dependendo exclusivamente da sua vontade, poderá ser annullado quando bem lhe aprouver, ao passo que a *dura lex* o prenderá por mais tempo á boca do cofre, em prejuizo das *estrellas do Brazilian Garden*.

(1) Infeliz comparação !

(2) No sentido de comer.

(3) Nas mãos da uma doutoura jovem e bonita o chronista ficaria cada vez mais doente...

O *Brasiliann Garden* ! Que de gratas sensações (1) este nome não nos dispersa ! Theatre das *Variedades* na mais lata accepção desta palavra, era alli que quizeramos ver reunidos os votantes do imperio para lhes mostrar como, ao som dos *Cloches de Corneville* e ao estourar do champagne, a nação é bem representada por alguns de seus eleitos !

Ah ! Principe Miguel da Natureza ! Trepas um momento naquella palco, theatre de tuas primeiras glórias ; derrama sobre elle as flores da tua intrincada rhetorica e proclama aos quatro pontos cardaes as virtudes do *gerimum* cosido descoberto pelo Sr. Bernardo Gavião.

Está passada a Semana Santa.

A igreja fluminense commemorou dignamente os sofrimentos d'Aquelle que « vio na sua morte a salvação do mundo ; d'Aquelle que, fora da fragilidade, assistirá do alto da paz divina as consequências infinitas de seus actos, e que mil vezes mais amado depois de sua morte do que durante os dias de sua vida, virá a ser á tal ponto a pedra angular da humanidade, que arrancar o seu nome deste mundo, seria abalar-o até os seus fundamentos. »

Mui de proposito extrahimos o pedaço acima de um livro (2) condemnado pelo Vaticano, sem duvida por não estar de accordo com as doutrinas do Christo, alteradas pelos seus Vigários na Terra.

Desejavamos que alguém, versado nos sagrados canones, nos dissesse quaes as razões que levaram os homens de Roma a contemplar no seu irmão o livro de E. Renan.

Talvez que existam, e de grande peso ; mas o christista declara francamente—do alto da sua nihilidade—que por mais que as busque—não as encontra, e só vê ali o sacrificio da verdade, o predomínio do amor proprio sobre os interesses da humanidade, coisa mui diversa da doutrina pregada pelo Christo desde as planicies risonhas da Galileia até o cimo escaldado do *Golgotha*.

Passou a Semana Santa, porém não passou, nem passará, o entranhado amor que votamos aos nossos queridos leitores, e mui especialmente aos assignantes da *Revista*. (3) Cada vez mais intenso, este amor não fica ador-

(1) Principio de um discurso que ouvimos e onde o orador...
Cata-te boca ; Não pia !...

(2) A *Vida de Jesus*, por E. Renan.

(3) Boas creaturas ! Ainda nos devem alguns cobres, porém não tem importancia, não vale nada » como diz... não sei quem.

mecido no fundo do coração. Manifesta-se, não só por actos de extrema liberalidade, como também de beneficência.

Além de um cartuxo de amendoas, que pôdem mandar buscar... na confeitaria, vamos ensinar-lhes dous remédios, um para « tosse » e outro para *quebranto*. Para a tosse—fumaça de enchimento de Judas, bem molhado, e para *quebranto*—um pouco de alecrim bento, torrado e bem moidinho, para tomar às pitadas.

E agora, leitoras, crescei e apparecei. O chronista zombará dos vossos *mãos olhados* e... pontinhos.

« Temporal desfeito! » Era o grito que se ouvia no domingo á noite, 13 do corrente, no theatro D. Pedro II. Alguns aspirantes á guardas-marinha, aproveitando a monção da Paschoa, fizeram-se de vela em direcção ao dito theatro e alli deram fundo. Mais tarde, sobre vindo um forte *temporal*, garraram e foram de encontro á não—Rosa Villiot.

Acudio o *rebacador*—Polícia; porém, longe de *safar*, concorrem para que houvesse maior numero de *beques* e *gurupés* quebrados. Afinal, quando o vento *rondou*, os aspirantes, largando *varredouros* e *cuetellos*, fiseram proa á fragata—Escola, onde se abrigaram.

O chronista enche-se de jubilo, não com a refréga do *Pedro II*, mas por ver que a *syphilis* do indifferenismo ainda não contaminou todos os filhos deste grande imperio: que ainda ha nelle quem não se deixando assolar por tristes exemplos, busque, cheio de fé, a realisação das boas idéas.

Alguns moços, estudantes da Faculdade de Medicina desta corte, reuniram-se e assentaram promover a confraternisação dos academicos dos cursos superiores do Brasil.

Neste intuito, e como elemento indispensavel, crearam um jornal! — *A União Academica*, que sahirá duas vezes por mez. Os dois primeiros numeros, que temos á vista, trazem artigos scientificos e litterarios que muito re-commendam os nomes que os firmam. (1)

O chronista, que não passa de «um illustre desconhecido» cumprimenta os novos collegas, e em nome da sociedade á que pertence, felicita-os pela brilhante estréa, desejando-lhes uma *União* forte e duradoura.

Mas uma noticia, e com ella terminaremos:

Victor Hugo, o maior vulto litterario do seculo, acaba

(1) Chapa n...

de completar 78 annos de idade, e para solemnisar tão grato anniversario deu-nos mais um poema— *A Piedade Suprema*.

Neste, como em quasi todos os trabalhos de tão fecunda lavra, a Humanidade é o thema principal. O poeta a estuda debaixo de todos os pontos de vista, segue-a nas suas mais complicadas evoluções, e sempre justo, severo e calmo, expõe-lhe os vicios com a mesma vehemencia com que exalta-lhe as virtudes.

Não sabemos o que admira mais na *Piedade Suprema*; se o arrojo da imaginação a pár do colorido da phrase, ou se o bom senso philosophico apár da veridade historica. E como nas obras de Victor Hugo torna-se difficil a escolha de trechos, porque nellas tudo se eleva á altura do sublime, abriremos ao acaso o novo poema, e d'elle transcreveremos :

LOUIS XV ENFANT

« Regardez cet enfant de cinq ans; la teillée
N'a pas d'oiseau plus pur, pins frais, plus ébloui ;
La bénédiction semble sortir de lui.
Tout en lui dit; Vivez ! aimez-moi ! je vous aime.
Il est fait de candeur et de grâce suprême ;
Quoiqu'il ignore tout, il a l'air d'un flambeau ;
Traité d'union de l'aube a l'ombre; il est si beau
E si doux qu'on dirait que l'église et la fable
Ont dû, pour composer cette tête ineffable,
Mêler l'enfant Jésus et l'enfant Cupidon ;
Son regard ingenu fait l'effet d'un pardon ;
Et l'homme le plus dur lui-même est sans defence
Devant cette adorable et radieuse enfance.

.....

Até aqui o poeta trata do « menino » cercado pela auréola da innocencia, indifferente ainda ás bajulações da côrte. Agora já elle o vê « principe » arrastado pela influencia perniciosa dos cortezaes, que lhe dizem :

« Tout ce peuple est á vous !
Vous avez ces enfants, ces hommes et ces femmes ;
Vous possédez les corps, vous possédez les âmes ;
A' vous leur toit, á vous leur or, á vous leur sang ;
Le champ et la maison sont á vous ; ce passant
Vous appartient ; souffler si vous voulez qu'il meure ;
Toute vie est á vous, en tous lieux, á toute heure

.....

Depois desaparece a criança, toda innocencia, toda candura e fica o homem, o rei cheio de vicios e cheio de orgulho:

« Donc la terre est à lui, les hommes et les femmes !
 Toutes les passions allument de leurs flammes.
 Sa volonté devient plus fauve à tout moment ;
 Il grandit ; et l'on sent poindre lugubrement
 L'ongle du tigre au bout des ailes de l'archange ;
 Il ne sait même pas qu'il déchoit et qu'il change,
 Il s'ignore imbécile, il s'ignore méchant
 Tant dans la voie obscure, hélas ! il va penchant !

.....
 Il est cynique, il est infâme, il est horrible ;
 Il foule de l'azur la frontière impossible ;
 Il se suppose au ciel et l'enfer en lui croît ;
 Il dit : Tout m'est permis, et seul j'existe ; Il croît ;
 Avoir sous ses talons de la poussière d'astres ;
 S'il en tire un plaisir, qu'importe cent désastres ?

.....
 Quoi ! n'est il pas le roi, le maître, le seigneur ?
 L'homme lui doit son sang, la femme, son honneur. »

Paremos aqui. É mais que bastante para o leitor julgar da importância do poema. Não queremos profanar a obra sagrada pelo genio do grande escriptor ; não queremos deturpar esse fructo de uma intelligencia que parece rejuvenescer com a velhice, e por isso conservamol-o na lingua em que foi escripto.

M. V.

EXPEDIENTE

Fomos obsequiados durante o mez com os seguintes jornaes: da Côrte e provincia do Rio de Janeiro—Diario de Campos, Monitor Campista, Revista Illustrada e União Academica; do Piahy, o Semanario; do Amazonas, Echo Militar; do Pará, Puraquê e Equador; do Maranhão—Commercio de Caxias e Escola; do Ceará, Pedro II^o; do Rio Grande do Norte: o Liberal, Correio de Natal e Correio do Norte; de Pernambuco—Diario de Pernambuco; das Alagoas: Estréa, Papagaio, Paulo Affonso e Revista do Instituto Archeologico e Geographico; do Espirito Santo: o Espirito Santense, A Ideia, Gazeta da Victoria e Actualidade; de Sergipe: Sagittario, Imparcial, Guarany, Jornal do Aracajú e a Patria; do Paraná, o Paranaense; de S. Paulo: Gazeta de Campinas; de Santa Catharina: o Despertador e o Conservador; de Minas Geraes: o Baependyano, Mozaico—Ouro Pretano, Colombo e Monitor-Sul-Mineiro; do Rio Grande do Sul: Violetta, Livramento, Revista Gabriellense, Figaro, Reforma, Cruzeiro do Sul, Caixeiro, Alvorada e Echo da Fronteira; de Matto Grosso, o Iniciador. A' todos os nossos agradecimentos.